

SOBRE A RECUPERAÇÃO
DA PARTE VEGETACIONAL
DA QUINTA DO MONTE

Rui M. S. Vieira

Maio de 2002

1. No “Elucidário Madeirense”, no título “Nossa Senhora do Monte (Freguesia de)”, diz-se que “esta paróquia é das mais belas e encantadoras da Madeira, não somente pela sua pujante vegetação, surpreendentes panoramas, pitoresco e amenidade do lugar, situação admirável e sobranceira à cidade, mas também pela frescura do sítio, limpidez e pureza das suas águas, os seus belos passeios, o seu formoso parque, os seus excelentes hotéis, o ascensor, o restaurante *Esplanade*, e ainda igualmente as suas numerosas quintas e casas de campo, que por toda a parte se encontram, sendo esse conjunto de tão apreciáveis circunstâncias que torna o Monte o arrabalde opulento e nobre do Funchal, a estância preferida para a quadra estival, um verdadeiro e apetecido éden... (1921)”. Pese embora toda a evolução que tem ocorrido nos mais de 80 anos que separam os tempos de hoje da altura em que as palavras acima foram escritas, o Monte continua a ser local de grande beleza e de extraordinárias paisagens que não se esquecem mais... E, na riqueza e diversidade da sua vegetação e nas inúmeras, valiosas e interessantes moradias, ainda sobressaem muitas quintas que constituem dos mais importantes patrimónios construídos na Região, sobretudo durante o século XIX e princípios do século XX.

Refere, também, o “Elucidário Madeirense” que: “Entre essas quintas, destaca-se a conhecida “*Quinta do Monte*”, que é uma das mais belas e ricas da Madeira, pela sua sumptuosa casa de habitação, opulenta e artisticamente mobilada, magníficos jardins, matas, hortas e pomares, donde se desfrutam vastos e surpreendentes panoramas”. Mas, infelizmente, por incúria e ignorância duns homens e maldade doutros, o vandalismo destruiu muito desta propriedade, não só a parte urbana e o mobiliário mas também os jardins, os acessos, os muros, o parque e as construções secundárias, sobretudo depois dos anos 80, e de o Governo Regional a ter adquirido aos herdeiros de Luiz da Rocha Machado, - seu último proprietário privado.

As horas más, parece, no entanto, que já passaram. E só se pensa, agora, em reconstruir tudo o que de bom tinha (e potencialmente ainda tem) a velha Quinta do Monte.

2. No seu todo, a Quinta do Monte (a que também chamam ou chamaram Quinta Rocha Machado, Quinta Gordon e Quinta Cossart) tem uma área de 56590m², ou seja pouco mais de 5,6 hectares, tendo a parte urbana (moradia principal) 675m², os jardins, relvados, lago e o parque cerca de 22300m², outras pequenas construções cerca de 300m² e a parte agrícola, hoje completamente abandonada, pouco mais de 33000m². Na parte nordeste da Quinta, foi

construído pelo Governo Regional (Serviços Hidroagrícolas), há poucos anos, um grande tanque para armazenamento e regularização de águas de rega.

Constitui uma propriedade toda amurada, no sítio do Pico, da freguesia de Nossa Senhora do Monte, sendo limitada a norte pela Estrada da Corujeira, a leste pelo Ribeiro e outros, e a sul e oeste pelo Caminho do Pico.

3. Segundo o “Elucidário Madeirense”, “foi construída pelo súbdito inglês James David Gordon”, no segundo quartel do século XIX, “passando depois à posse de Leland Cossart” e sendo mais tarde seu proprietário Luiz da Rocha Machado. Em Setembro de 1989, o Governo Regional adquiriu a Quinta do Monte aos herdeiros deste ilustre banqueiro madeirense.

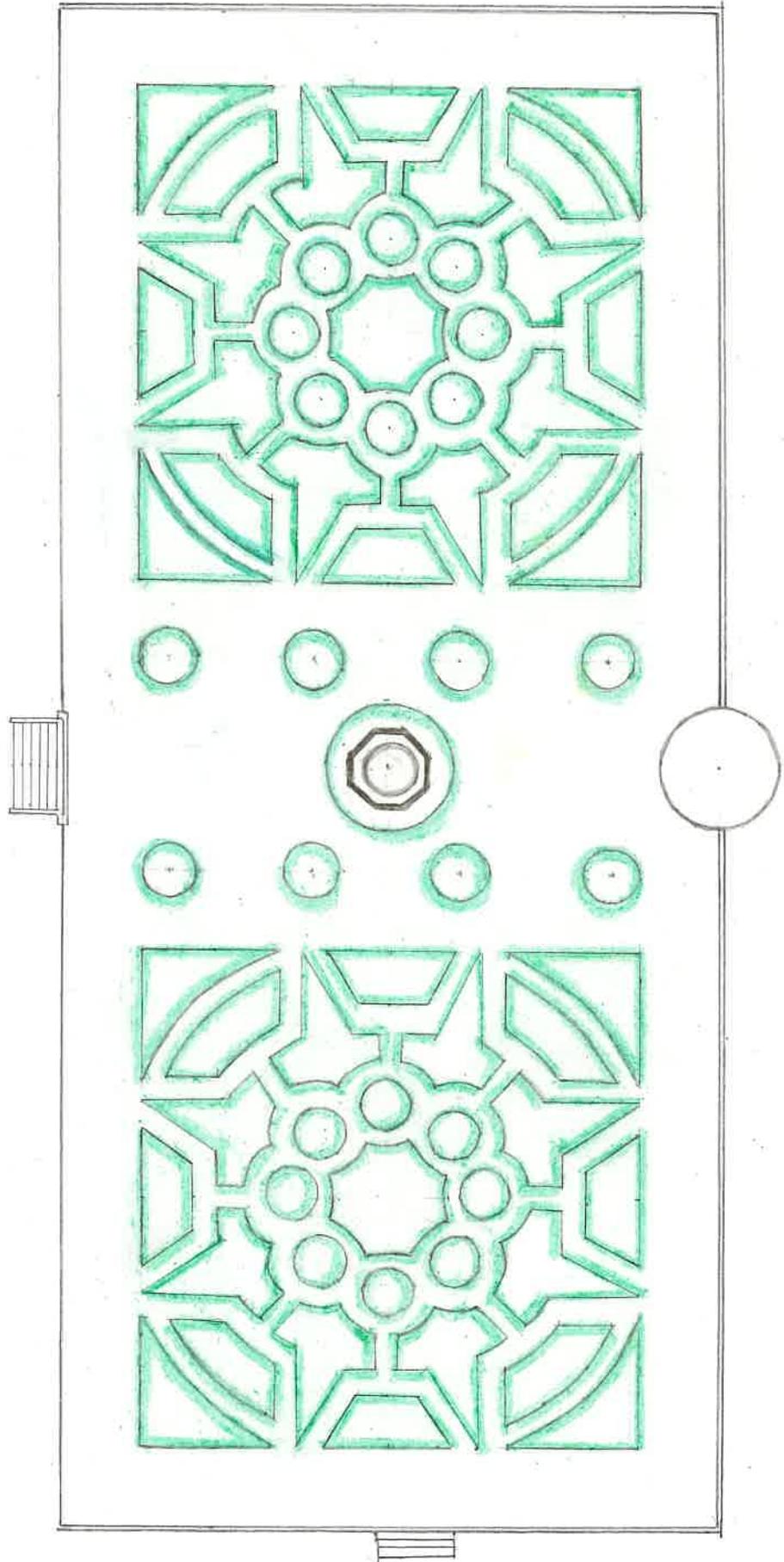
Eberhard A. Wilhelm, no nº 16 (1995) de “Islenha”, num artigo intitulado “Seis meses e meio na Madeira (1854-1855) – os diários da governanta alemã Augusta Werlich”, esclarece que Gordon (nascido em Londres em 6.8.1784 e falecido em 26.12.1850, na Madeira) adquiriu a Quinta do Monte em 1823 e, entre 1825 e 1850, construiu aí a vivenda. A viúva, Theodosia A. Pollok Gordon, que faleceu em 1892 e era única filha do general Pollok, ficou sendo a proprietária da mesma Quinta.

Registe-se também, que Maria Lamas, no seu “Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica”, de 1956, afirma que a Quinta do Monte foi construída por J. D. Gordon “na primeira metade do século XIX”, acrescentando que o respectivo plano foi da autoria de um arquitecto inglês, “sendo uma das mais vastas, importantes e formosas quintas da Madeira”. E adianta: “A casa é um palácio em miniatura, com salões ricamente mobilados, onde se admiram telas valiosíssimas de Rubens, Corregio, Guercino, Pietro Cartona, G. Della Norte, H. N. Hay, A. Gutilschi e outros pintores célebres, assim como reproduções magníficas, em bronze, mármore e terra-cota, dalgumas famosas esculturas da Antiguidade. Tem vários jardins e relvados, de traçados diferentes, com tanque e cascatas; uma frondosa mata, pomar e horta; mirantes soberbos, principalmente a “Torre de Malakof”, donde se avista a cidade, a baía e a vastidão infinita do mar. Através dos extensos terrenos da quinta passa um ribeiro com as suas quedas de água – quadro sempre belo e raro em propriedades deste género.”

Do ponto de vista histórico, importa realçar que o Imperador Carlos de Áustria, no exílio, residiu, por deferência de L. Rocha Machado, durante algum tempo em 1922, na Quinta do Monte, tendo aí falecido em Abril desse ano. Também quanto a este facto, refira-se que é dito no “Elucidário Madeirense” que a Quinta se tornou muito conhecida e visitada desde esse tempo e que “na casa da

JARDIM MALAKOF

Esc: 1:250



respectiva residência, foi construída há poucos anos por Luiz da Rocha Machado, ..., uma formosa capela da invocação do Sagrado Coração de Jesus, consagrada à memória do malgrado e saudoso imperador. Tinha chegado à Madeira com sua esposa, a imperatriz Zita, a bordo do cruzador inglês *Cardiff* no dia 10 de Novembro de 1921, fixando residência na “Vila Vitória”, dependência dos Hotéis Reid. Com a chegada dos príncipes, filhos dos imperadores, ao Funchal, a 2 de Fevereiro de 1922, foi toda a família imperial estabelecer moradia na Quinta do Monte no dia 18 do mesmo mês e ali sucumbiu o desventurado imperador ... a 1 de Abril daquele ano. No dia 5, foi sepultado numa capela lateral da Igreja Paroquial do Monte, onde ainda se encontra os seus restos mortais, tendo o falecimento e o funeral do imperador despertado em toda a população do Funchal os mais profundos sentimentos de pesar, que tomaram a feição dum verdadeiro luto nacional. A imperatriz Zita saiu da Madeira acompanhada dos seus filhos a 19 de Maio de 1922.”

Na mencionada capela houve também actos de vandalismo, nos últimos anos, havendo indispensabilidade de ser sujeita a grande reparação.

Acrescente-se que, a propósito desta ligação histórica da Quinta à coroa austríaca continuam a manifestar-se laços de profunda simpatia dos descendentes do imperador que, várias vezes, visitam a Ilha e a propriedade, tendo-se, também, durante algum tempo, proposto para aquisição da mesma, algumas personalidades da Áustria (e também de certas organizações internacionais).

Num interessante artigo de Anton J. Weinberger, “The historical gardens of Madeira”, publicado em Outubro de 1985, na revista “Garten + Landschaft” (Journal for Landscape Architecture and Landscape Planning), descreve-se, com alguma minúcia, a Quinta do Monte, a sua moradia, um “small palace, a stately home designed by an English architect and completed in 1826”, o seu denso arvoredo, o lago artificial e um curioso jardim “strongly symmetrical”, de múltiplos e pequenos canteiros, “similar to those of the Italian Renaissance”, a que chama “jewel”. Ilustrando o artigo com um desenho deste jardim, feito pelo artista Manuel Zimbro (que habitou temporariamente a Quinta com a pintora Lourdes Castro), Weinberger diz que o nome por que é conhecido – Jardim Malakof – “was so named by the Master of the Quinta, after the castle in Sebastopol which was recaptured by English and French troops in 1855 during the Crimean War after a long siege”.

E continua, afirmando que este jardim é uma reminiscência dos jardins floridos franceses dos séculos XVII e XVIII, “as used to be found in front of small palaces”. “Even the Venus fountain in the centre of garden, with its water spouting fish, is not missing. In their joy at the victory of Sebastopol, the Lords

of the Quinta also constructed a “point de vue” of their own: the central axis of the garden is closed off by the “Malakof Tower”. From here the visitor can see out across Funchal, lying peacefully below, as if he was standing on a strategic mound.”

Também, no mesmo artigo (anterior à aquisição da Quinta pelo Governo Regional), o jornalista refere então que “austrian aristocrats soon intend to make the house into a museum and also restore the garden”.

4. Para além da valia arquitectónica da moradia, da importância histórica da Quinta e do seu extraordinário interesse paisagístico, merecem realce especial os seus aspectos vegetacionais, os quais já de há muitos anos a esta parte têm vindo a ser abordados e enaltecidos, e nos últimos 40 anos mais reforçados e concretizados, como nos “Inquéritos aos Espaços Verdes Públicos e Privados”, realizados em 1966 e em 1984, para a Câmara Municipal do Funchal, por diversos técnicos especialistas. Fazendo parte do enorme maciço verde que envolve a cidade e entre as muitas quintas que se ligam umas às outras na freguesia do Monte, a Quinta, pese embora todas as tropelias, estragos, desmazelos e invasão de plantas daninhas que tem vindo a sofrer, destaca-se pela grande riqueza botânica que possui, pelos seus jardins bem traçados, pelos espaçosos relvados, pelos seus jogos de água, pelo seu lago artificial, pelas suas veredas e acessos calcetados à moda antiga.

Quanto aos exemplares botânicos que vegetam na Quinta (relembre-se que infelizmente alguns foram abatidos há poucos anos), muitos de grande porte e idade (diversos com diâmetro de tronco à altura do peito superior a 1m, copas com mais 25m de largura e já com cerca de 150 anos), destacam-se alguns espécimes raros na Ilha mas, de um modo geral, quase toda a mata do parque, que constitui uma significativa zona verde, tem de ser conservada, com excepção das plantas infestantes ou invasoras e das que, sendo vulgares, estejam prejudicando fortemente as árvores vizinhas. Tem que se procurar valorizar os grandes e bonitos exemplares que se vêem dispersos no parque, salientando-se, sobretudo, de entre as espécies exóticas, algumas araucárias (a que chamam, muitas vezes, pinheiras), poucos bordos ou áceres, muitos e velhos carvalhos (vulgares e americanos) e castanheiros, um castanheiro-da-índia, cedros (de diversos géneros como um raro *Callitris*, alguns *cameciparis* e cedros-das-barracas, cedro-macrocarpa, bonitos zimbros-da-virgínia e túia), criptomérias e atraentes criptomérias-elegantes, algum, felizmente raro, eucalipto vulgar, faias-europeias (com saliência para os espectaculares exemplares de folhagem vermelha), um ou

outro incenseiro, de invulgares dimensões, ligustro, magnólias (grandiflora ou comum e soulangeana ou de flor arroxeadada), olaia, pinheiros (bravos, mansos e de Canárias), plátanos, pseudotsuga (a que chamam abeto), sequóias e tulipeiros (árvores-do-ponto ou liriodendros). De entre as espécies arbóreas indígenas ou endémicas da Madeira, avultam loureiros, poucos dragoeiros e um precioso espécime de mocano (*Pittosporum coriaceum*), de bom porte, que é planta raríssima na floresta insular. Na mata, há algumas árvores (acácias de diversas espécies, robínias, incenseiros) e grandes arbustos (tabaqueira e carqueja, sobretudo) que precisam de ser eliminados pois estão a infestá-la e podem vir a ser substituídas no futuro, quando necessário, por outras espécies arbóreas de interesse ornamental.

Entre a vegetação mais saliente da Quinta do Monte há também alguns arbustos que merecem ser devidamente tratados, sobretudo azáleas, buxos, camélias, carochas, martinetes e outros e, também, fetos arbóreos, mas aqui as preocupações são menos agudas, atendendo a que são plantas que, na generalidade, podem ser facilmente substituídas e atingir, em pouco tempo, as dimensões normais. Excepção deve ser feita para os buxos (quer o vulgar, mais corpulento, que forma algumas sebes, quer o anão, que borda os pequenos canteiros do “jardim Malakof”) que tudo se deve fazer para os manter e recuperar, visto serem bastante densos e antigos e terem normalmente dificuldade em atingir as dimensões e o aspecto que aqui apresentam. (Algumas sebes de buxo terão de ser prolongadas e melhor compostas.)

O jardim, dito Malakof, e que é o principal, bem definido, dentro da Quinta, apresenta-se ainda com o traçado inicial, rectangular, embora invadido por milhentas ervas infestantes, onde se destacam a carqueja, o silvado, a abundância e, ainda, acácias, tabaqueiras e outras espécies. É constituído por 66 pequenos canteiros de diversos tamanhos e formas, regulares e irregulares, dispostos simetricamente em relação a um eixo N-S que vai duma pequena escadaria à torre Malakof, passando por uma bonita peça escultórica em mármore onde se destaca uma fonte dedicada a Vénus. A água que brotava dos peixes que sustentam a Vénus não corre já, mas é óbvio que a ligação a uma rede própria poderá ser restabelecida. Registe-se que este bonito e típico jardim, com uma superfície de cerca de 1500m², foi construído numa plataforma ou socalco, para o que inicialmente foi erigida uma grande parede (com cerca de 5m de altura), ainda hoje em óptimo estado, que passou a suportar um enorme volume de terras; só assim se conseguiu vencer o acentuado declive que o solo apresentava no local.

Há que ter, também, em atenção, que os canteiros devem ser preenchidos, essencialmente, com plantas de estação, tal como se fazia no passado, com cinerárias, cravos, não-me-deixes, zínias, goivos, lisonjas e outras. Num ou outro canteiro poderia vir a plantar-se roseiras de alta qualidade, que dão sempre especial realce ao ambiente.

O que na área deste jardim merece atenção e precisa ser já recuperada é, também, a torre que se encontra muito danificada e, de igual modo, o próprio calcetamento em pedra partida, com desenhos adequados, que nalguns tratos abateu, oferecendo certo perigo a quem por lá passeia.

Os outros pequenos jardins existentes, quer o que envolve a casa principal, quer o mais próximo do portão de entrada da Quinta, poderão ser recuperados com facilidade visto não apresentarem aspectos negativos importantes e as respectivas partes vegetacionais, à parte o buxo, são reconstituíveis em prazos curtos.

Os relvados da Quinta foram, nos últimos anos, invadidos ou substituídos (?) por ervas menos adequadas, com predominância do conhecido “kikuyu” ou erva-carota, que aparece por todos os cantos. Pode-se mantê-los, por enquanto, com cortes e tratamentos apropriados, ou então substituí-los por espécies de relva mais indicadas. Em qualquer dos casos é indispensável instalar, o mais cedo possível, uma conveniente rede de rega, mais ou menos automatizada, e proceder ao nivelamento da superfície arrelvada que for de manter, como seja a localizada na frente da casa principal.

A propósito de rega, registre-se que se encontra adulterada e em parte inutilizada a rede de levadas, tanques, tubagens e jogos de água que havia na Quinta. É imperiosa a sua recuperação a fim de que a Quinta valorize mais a sua vegetação e os locais por onde a água corria, dando mais vida a todo o ambiente. É trabalho oneroso mas certamente compensador.

Recuperado deve também ser o lago artificial, nas proximidades da moradia, uma vez que se encontra danificado em parte, não armazenando convenientemente a água. É uma infra-estrutura importante, de interesse sobretudo paisagístico e recreativo, mas que poderia ser talvez aproveitado, parte com plantas aquáticas (papiros, jarros, inhames-de-jardim, nenúfares, alfaces-de-água, etc.), parte com aves (cisnes, gansos, patos) ou peixes. O que é indispensável, para já, é a sua impermeabilização e, também, a defesa contra acidentes ocasionais, o que se pode conseguir com uma estrutura metálica, leve e segura, mas igualmente decorativa, em todo o perímetro do lago.

As veredas e passeios na Quinta são extensos e alguns encontram-se encobertos ou em mau estado. Feitos, como era hábito na altura, em pedra

partida, basáltica, de pequenas dimensões, apresentam desenhos simples mas bem executados em toda a sua extensão.

Além do passeio principal, largo, que vai do portão da moradia, há alguns outros bem mais estreitos, de acesso ao “jardim Malakof” e entre os canteiros deste, e alguns até no parque, também de pequena largura e que permitem uma mais fácil observação do arvoredo. Todavia, parecem incompletos e merecem ser, dalgum modo, prolongados e estendidos a outras áreas do parque, sobretudo se nestas se vierem a construir pontos de interesse para os visitantes.

5. Postas estas considerações, importa desenvolver o projecto de recuperação da Quinta do Monte, em parte já iniciado. Não nos cabendo atender à obra de reconstrução da casa principal – sem dúvida a mais difícil, onerosa e delicada – nem à do muro que cerca todo o prédio, nem à da reconstrução e possível aproveitamento das outras construções agrícolas ou urbanas, dispersas por todo o prédio, nem, ainda, à possível implantação de infra-estruturas recreativas ou desportivas (como minigolfe, críquete) que não causem malefícios ao ambiente da Quinta, a nossa atenção vai recair totalmente sobre a parte rústica e sobre a mata e os logradouros ajardinados, tendo em consideração prioritariamente a seguinte programação de trabalhos:

- Recuperação das águas de rega que pertencem à Quinta e possível arrendamento dalguns caudais para suprir prováveis défices, face a algumas necessidades pontuais;

- Limpeza e arranjo dos tanques de aprovisionamento de águas de rega, do lago artificial, das várias levadas e canalizações que interessam à manutenção dos jardins e parque e ao funcionamento de certos arranjos escultóricos ou jogos de água dispersos pela Quinta;

- Remodelação dos troços da rede de regadio e dos sistemas de rega (como mudança do sistema tradicional para aspersão), por forma a ganhar eficiência e economia de água e trabalho;

- Recuperação dos jardins e do parque, tendo em vista a sua estrutura e composição e a destruição total da vegetação estranha e nociva que os invadiu;

- Recuperação do acesso principal à casa, desde o portão, e dos passeios ou acessos secundários pavimentados existentes até no parque;

- Arranjo e melhoria dos jardins e do parque, com definição das espécies a plantar e dos locais aconselháveis a esse fim;

- Prolongamento dalguns passeios no parque para permitir uma visita mais completa e orientada sobre todo o arvoredo existente.

Para concretizar todo este programa é importante, pois, começar por possibilitar o funcionamento eficaz do sistema de regadio e conhecer, junto dos serviços competentes, e da documentação afecta à aquisição da Quinta, quais os caudais de água de regadio de que se dispõe.

Por outro lado, temos que fazer uma análise sistemática e uma apreciação rigorosa de todo o património vegetal existente, com inventariação e marcação dos espécimes a conservar. Simultaneamente, para além da limpeza do parque e dos jardins, com destruição das árvores e outras plantas ou ramagens já mortas ou decrépitas, há que:

- Limpar o “jardim Malakof”, seus passeios e canteiros, eliminando as ervas daninhas (como a abundância) e os arbustos e árvores infestantes (como os silvados, a carqueja e a acácia), não só por meios manuais e mecânicos mas também com utilização cautelosa de herbicidas (como o *glifosato* ou *Round-up*), sempre que necessário, por forma a deixar livres os pavimentos, o buxo das bordaduras e o terreno e certas plantas ornamentais que já embelezam os canteiros;

- Ao mesmo tempo, há que limpar a fonte de Vénus, os acessos ao “jardim Malakof” que ligam à moradia, ao lago e ao parque, reconstruir as partes danificadas da “torre Malakof” (verificando, obviamente, as suas condições de segurança) e de todo o varandim anexo e, ainda, repor devidamente o passeio que, mais perto da torre e deste varandim, abateu, criando uma depressão significativa na área do jardim;

- O início dos trabalhos de limpeza, recuperação e beneficiação do parque deve fazer-se em duas frentes principais, nas áreas anexas ao passeio da entrada da Quinta e entre a parede que sustenta o “jardim Malakof” e o Caminho do Pico. Esses trabalhos devem englobar também a eliminação dos rebentos de raiz e da base do tronco das espécies arbóreas e, ainda, o arranque e destruição das plantas novas de espécies infestantes do parque, como incenseiros, acácias (mimosas e outras), robínias, tabaqueira, etc. e o corte das heras que revestem os troncos de muitas grandes árvores. Devem, todavia, manter-se as manchas de coroas-de-henrique ou agapantos, pois estas cobrem e embelezam muitas áreas do parque ainda sem interesse de maior; nalguns casos, até, essas manchas poderiam ser prolongadas, dado que também servem para evitar a erosão do solo, sobretudo em zonas declivosas. Também as canas-da-índia ou conteiras, os jarros e os senécios são plantas a manter, pelo menos por enquanto, no interior do parque. Uma sebe de *cameciparis* na entrada deve ser completada, assim como as de buxo vulgar nas suas proximidades.

- Ter-se-ão que definir as áreas do parque a melhorar nos seus aspectos vegetacionais e escolher, para elas, espécies arbóreas e arbustivas exóticas, decorativas, que valorizem, com o decurso dos anos, a Quinta. Dá-se já, como exemplo, a área nascente, que confronta com o Ribeiro, dominada por muitos incenseiros e acácias (mimosa) e onde raramente há uma espécie diferente. Outra área a recuperar é a situada a noroeste (nas proximidades dum tanque de aprovisionamento de água, infelizmente aí implantado pelos Serviços Hidroagrícolas), antigamente com culturas agrícolas e que hoje se encontra arrelvada e com restos de fruteiras (ameixeiras, citrinos, etc.).

Destas espécies exóticas a introduzir, convém destacar não só o elevado interesse de muitas resinosas ou coníferas (árvores do tipo dos cedros, pinheiros, abetos) que se adaptam bem ao Monte e apresentam copas com formas (fusiformes, cónicas, alongadas, redondas, etc.) e colorações muito atraentes (desde o dourado ao azulado), mas também a espectacularidade de certas folhosas dos climas temperados (como os ulmeiros, os freixos, os bordos, as tílias, as bétulas, os choupos, de que há espécies bastante interessantes e decorativas); dumas e doutras conviria haver representações mas apenas das de grande valor decorativo. Também das espécies exóticas há a destacar outras que muito interessaria introduzir na Quinta e que já existem noutras zonas da Madeira: são árvores já tradicionais nas velhas quintas madeirenses mas que aqui, ainda, não foram plantadas, como a canforeira, a caneleira, o sobreiro, a azinheira, a alfarrobeira, a sementeira, a bela-sombra, ou árvores subtropicais que surgem, aqui e acolá, por toda a Ilha, muitas vezes de flores garridas, como a árvore-de-fogo, a brassaia, as coralinas, as dombeias, as grevíleas, o *Hymenosporum*, o jacarandá, a *Paulownia*, a tipuana e outras que encantam quem as vê.

De entre os arbustos, haveria todo o interesse em cultivar os que, preferindo terrenos ácidos, têm floração espectacular, como azáleas, camélias, daturas, lilazes, novelos, próteas, rododendros e urzes-de-jardim e que se adaptam a zonas sombrias; e os dos climas mais quentes (cássias, tibouchinas, cardiais, manhãs-de-páscoa, manacá, martinetes, *Leonotis* e outros) que chamam a atenção sobretudo dos visitantes que nos chegam do frio.

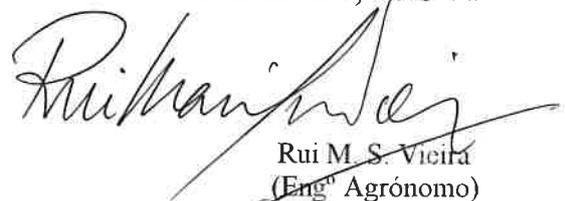
Haveria também interesse, na antiga zona agrícola, em manter uma pequena colecção (a completar aos poucos) das plantas frutícolas e hortícolas cultivadas na Região, o que é sempre interessante sobretudo para os turistas e, até, porque muitas dessas plantas são totalmente desconhecidas para eles (casos, por exemplo, da batata-doce e do inhame e das fruteiras subtropicais, como a anoneira, a goiabeira, a pitangueira, etc.). E, nessa mesma área, teria lugar um

grupo significativo das plantas aromáticas e medicinais usadas pelos madeirenses e porto-santenses.

- Também se devem escolher alguns locais (2-3) para plantação de espécies arbóreas, arbustivas, trepadeiras e herbáceas indígenas ou, preferencialmente, endémicas da Madeira e da Macaronésia, que sempre suscitam o interesse dos turistas e outros futuros visitantes da Quinta. Por exemplo, aproveitando a existência de um velho e belo exemplar de mocano, poderia, nas suas proximidades, plantar-se alguns folhados, perados, azevinhos, paus-brancos, vinháticos, tis, ginjeiras-bravas, cedros-da-madeira, teixos, pampilhos, *Isoplexis*, língua-de-vaca, alegre-campo, gerânio-da-madeira e outras espécies que fazem parte da nossa peculiar *Laurisilva*. Perto dos dragoeiros que vegetam no sul da Quinta, junto à “torre Malakof”, há lugar para a plantação doutras espécies madeirenses que vivem, principalmente, no litoral, como sejam o zimbreiro, a oliveira-brava, o marmulano, o barbusano, a figueira-do-inferno, os buxos-da-rocha, a malfurada, a murta, o massaroco, o esparto, as perpétuas e outras apropriadas.

A propósito destas espécies indígenas, pensamos que os Serviços Florestais e o Jardim Botânico possam ceder gratuitamente alguns exemplares.

- Para além de um responsável acompanhamento técnico-profissional dos trabalhos de limpeza, recuperação e melhoria a executar na parte vegetacional da Quinta, durante alguns meses, é importante realizar a identificação das espécies vegetais na Quinta e instruir sobre a conveniente etiquetagem dos exemplares mais importantes, segundo normas suficientemente elucidativas e actualizadas. Essa identificação deverá incidir, sobretudo, nas plantas arbóreas e nas arbustivas podendo, também, estender-se a plantas de menor porte como as herbáceas vivazes (que vivem vários anos), desde que sejam pouco vulgares ou endémicas da Madeira ou dos outros três arquipélagos que constituem a Região Macaronésica, trabalhos estes que demorarão também algum tempo a concretizar, dependendo essencialmente do pessoal disponível para o efeito, mas que julgamos útil até para que se possa editar no futuro um folheto mais ou menos completo sobre esta histórica quinta madeirense. Nas etiquetas a colocar nas plantas, devem constar os seguintes elementos: nome científico, família a que pertencem, nomes vulgares em português, inglês e alemão e o Continente, País ou Região donde são originárias.


Rui M. S. Vieira
(Eng^o Agrónomo)